

# Mundo

FOLHA DA TARDE

REDACÇÃO

127 — RUA DOS CORREIROS — 2.º

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO ADMINISTRADOR

A. DE SOUZA PINTO

ADMINISTRAÇÃO

140 — RUA DOS CORREIROS — 1.º

ASSIGNATURA

Lisboa, trimestre . . . . . 900 réis  
Provincia, semestre (adiantado) . . . . . 2,250  
Brasil, por anno (monda forte) . . . . . 12,000

1.º Anno

Domingo 16 de julho — 1882

Numero 16

PUBLICAÇÕES

Anuncios, por linha . . . . . 20 réis  
Comunicados, por linha . . . . . 60  
Numero avulso 10 réis, pasado o dia . . . . . 20

## TRIBUNA

### O FUTURO DA ARTE



ARTE de finhasse, á mercê da deturpação do gosto e da ineptia dos pretendidos cultores. A banalidade intruz desnoiteia as mentes. O applauso publico converge para o torpe mercantilismo de uns habéis exploradores. O talento, sóme-se na escuridade dolorosa. A fonte da dignidade secca-se lentamente. A litteratura avoca para o labor do pensamento parasitas turbulentos e consciencias enodoadas; a fallencia de coragem e a escassez de ideal, afundam na sombra muita alma

retemperada; ha desprezo dos nullos pelos trabalhadores honestos; a imprensa arvora-se em feira ou em arrial rumbroso, onde a vitalidade uberrima se olvida, perante o jogo das verrinas, e a petulancia das baixas intrigas e a vinolencia das polemicas torpes, sobre trunfos eleitoraes ou actrizes disputadas pelo theatro ao lamaçal.

Falsidade louvaminheira, vituperio escandaloso, hesitação na critica; os pygmeus vegetando á beira da sordidez esmagadora, as tentativas vigorosas baqueando no sorvedeiro commum; uns poucos rebeldes transgigindo com as mediocridades triumphantes, e preferindo a efemera gloria nas alas dos mesquinhos ao ascender para a victoria perduravel, no isolamento dos espiritos fraternisados: eis o quadro.

E a maioria do publico protesta contra a animadora renovação; in-

surge-se contra os moldes novos da critica e da arte, requisita o embrutecimento alvar das prosas ameninadas, e o nectar da poesia convertida por favor de uns miserios pedantescos, na bugiganga de um brinquedo, desmontada do seu pedestal de luz, para o aviltamento sombrio da treva, e privada da sagrada veneração do bello, em troca da reverencia truanesca ao vicio e da aclimação a um negro horizonte de miserias!

Desolador aspecto este, em que vemos diluidos no esquecimento, os rastros luminosos legados pela passagem dos colossaes heroes do movimento reformador e vivificante, que aboliu a convenção sentimental pela espontaneidade humana, e deu cabo dos desvairamentos grotescos do romantismo, pela reacção tempestuosa das crencas vinculadas ao progredir do seculo. A obra immensa d'aquelle grupo audaz illuminado da fé acrisolada, deixou uns raros continuadores, que quasi passam despercebidos, entre este scintillar dos colossos posticos, e dos obreiros equivocos da civilisação actual.

Tudo é materia para conjecturas tristissimas.

No theatro e no livro, a mesma estreiteza de aspirações, o mesmo cunho de uma lamentosa falta de originalidade. As empresas auferindo lucros enormes com as operetas desbragadas, em que a carne ri, e a plateia freme com o convulsionamento das plasticas curvadas e estonteadoras. O talento dramatico é apupado pelos novissimos; a intuição psicologica do actor ou o imperio da identificação consciente, não vingam alcançar um applauso sincero; nos palcos estrondeiam as notas offenbachianas, e as coplas gaiatas dos libretos; uma tor-

rente de traduções infesta os escriptorios dos directores; nos periodicos arrebicam-se frazeados galantes aos olhos de uma corista; e a pedidos de uma deidade dos bastidores insulta-se este ou aquelle vulto proeminente, lança-se o descredito sobre esta ou aquella individualidade.

No livro, esboços pallidos dos mestres reformadores; uns esgares patuoscos ás novas escolas litterarias; tentativas reles de modelamento pelos gigantes do naturalismo; affrontas cuspidas nos heroes da geração que passou, e a chalaça ignobil nos poucos sobreviventes.

O jornal convertido em tablado, onde palhaços escancaram gargalhadas vibrantes, onde mutuamente se arranham os combatentes da politica ou da litteratura, e se habilita para empregos rendosos, ganhos á custa de rebaixamento moral, muito amanuense que trocou a meza da secretaria pela meza da redacção, e os suores da lide ingrata pelas delicias do *dolce far niente*.

O publico applaude—e paga!

E com tudo, hoje, o quadro já não é tão desolador.

O jornalismo vai soffrendo uma modificação extraordinaria. A corrente das ideias, e o movimento evolutivo do progresso social, demandam outra casta de esforços no sentido conducente ao levantamento da arte, dando na chronica, Barros Lobo, Jayme de Seguir, Urbano de Castro, e ainda outros.

No theatro dá-se uma revivescencia lenta, um revigoramento gradual e manifesto, que nos apaga descrencas mais acerbas e desesperanças infundadas, com alguns trabalhos de Pinheiro Chagas, Fernando Caldeira, Antonio Ennes, e as premicias de outros talentos solidos, que se apuram no trabalho repetido.

Na critica — a lucidez analitica, a investigação preciosa, o estudo digno e serio das obras e das personalidades, representada por Silva Pinto, Ramalho Ortigão, etc. No romance Camillo Castello Branco, que pela elevação do seu genio — pertence a todas as epochas e é tanto de hontem, como de hoje, como de amanhã; Eça de Queiroz, no ambito da psychologia; Bento Moreno na restricta esphera do exame physiologico; Fialho de Almeida, cujo grande talento de observação é ainda em parte enevoado pela exuberancia magnifica do descriptivo; Lourenço Pinto, um artista da palavra, e um forte temperamento de escriptor moderno.

Assim, ha motivos para acalentar uma esperança no futuro da arte em Portugal.

EDUARDO SALAMONDE.

## NOTAS PORTUENSES

14 DE JULHO

Emquanto que os theatros permanecem merencorios e quasi abandonados, a politica absorve todas as attentões e efferece-nos um espectáculo não menos curioso do que os dramas do Baquet e as operetas burlescas do Principe Real. Saírei, portanto, da area artistica e direi alguma coisa sobre a comedia politica.

Comedia? Distingo. Farça e farça reles é aquillo a que estamos assistindo.

E' possivel que muita gente sinta confranger-se-lhe o animo ao ler nas folhas opposicionistas as palavras fatidicas — *Fome! . . . Revolução! . . .* — acompanhadas de apellos sediciosos e considerações medonhas, tendentes a semear a desordem e o pavor no seio d'este povo bondoso e pacifico.

Cruzam-se as noticias de levantamentos; alguns jornaes as dão insi-

diosamente, e outros as reproduzem com sinceridade porque não calculam até que extremos pode levar o despeito e a paixão partidaria.

Se a imprensa imparcial, independente e justa, curasse de averiguar a verdade e desassombradamente a expuzesse; se aquelles que devem labutar para o bem geral de este povo, desprezando mesquinhos interesses individuaes ou de facções politicas, joeirassem essas noticias que mais ou menos tem amedrontado os espiritos credulos e timidos, ver-se-ia claramente que, apartados os factos inventados ou adulterados, pouquissimo ou nada restaria das affirmações que a opposição tem feito.

Ahi vai um caso verdadeiramente comico, se não tivesse origem no mais traçoceiro proposito.

Ha dias partiu desta cidade para Braga e outros mercados circumvizinhos um individuo, que se tem tornado saliente combatendo o syndicato.

Este sujeito, cuja força estrategica parece orçar pela sua força muscular, dirigiu-se a varios regatões e propoz-lhes a compra de todo o milho por preço bastante superior ao preço corrente. O lucro era de tentar, a apparencia do proponente offerecia toda a confiança, e os regatões fizeram o contracto recebendo cada um dois mil réis de *signal*.

O abaracadór regressou ao Porto e os regatões, prezos pela sua palavra e pelo *signal* que tinham recebido, ficaram á espera de que aquelle mandasse buscar o milho, consoante havia combinado. Esperaram, esperaram . . . e nem novas nem mandado.

Entretanto o milho faltava para os compradores de retalho, para o povo — e era este precisamente o calculo do heroe da façanha. O povo, não encontrando cereaes para se abastecer ou notando a alta do preço sem conhecer a verdadeira cauza, amo-

## FOLHETIM

VICTOR HUGO

### O REI DIVERTE-SE

(FRAGMENTO D'UMA TRADUÇÃO COMPLETA)

ACTO I

Uma festa nocturna no Louvre. Salas magnificas cheias de homens e mulheres trajando de gala. Luzes, musica, dança, gargalhadas; serviças trazem bandejas de ouro e baixella esmaltada. Grupos de damas e cavalheiros passam e repassam. Vai a festa no fim; a aurora brilha atravez os vidros. Rainha uma certa liberdade, e a festa tem um pequeno caracter de orgia. Na architectura, moveis e vestuarios, o gosto da Renascença.

SCENA I

REI E LA TOUR-LANDRY

REI:

Eu quero levar, conde, ao fim esta aventura. E' burguesia talvez, e d'origem obscura, Por certo, mas gentil!

LA TOUR-LANDRY:

E haveil-a descoberto

Ao domingo, na igreja?

REI:

Em S. Germano, é certo,

Onde aos domingos vou.

LANDRY:

Demodo que até agora  
Dois mezes lá vão já.

REI:

Exacto.

LANDRY:

E a bella mora?

REI:

No becco de Bussy.

LANDRY:

Junto á casa Cossé?

REI, afirmativamente:

No local onde existe um alto muro.

LANDRY:

Ahi é.

E tendei-a seguido?

REI:

Uma velha feroz,  
Que lhe defende o olhar, o ouvir, enfim, a voz,  
Com ella sempre está.

LANDRY:

Como?

REI:

E o mais curioso  
E' que um homem, á noite, um vulto mysterioso,  
Muito bem embuçado, e como quem s'esquiva,  
N'um manto muito negro, se a noite é menos viva,  
Na casa vejo entrar.

LANDRY:

Entrae tambem.

REI:

Pois não!  
Não que é fechada, e é vedada a construcção!

LANDRY:

Sire, quando por vós essa dama é seguida,  
Dá-vos alguma vez algum signal de vida?

REI:

Creio por um olhar, que ás vezes irradia,  
Que não nutre por mim alguma antipathia.

LANDRY:

Sabe que o rei a adora?

REI, signal negativo:

Eu ando disfarçado,  
Visto roupa de lã, e um manto já usado.

LANDRY:

Estou vendo que amaes com vida ternura,  
Uma augusta Toinon—amante d'algum cura!  
(Entram varios senhores e Triboulet)

REI, a Landry:

Silencio! que em amor, calar é caso sério,  
Para se conseguir.

(A Triboulet que se aproxima)

Que dizes?

TRIBOULET:

O mysterio  
E' a unica involtura, em que qualquer fraqueza  
D'uma intriga d'amor se pode ter mais preza.



finar-se-ia e no dia seguinte as tubas da opposição encheriam o espaço das suas columnas com os gritos de *Carestia!... Fome!... Revolta!*

Porém, o estratagemma não deu o resultado completo. O povo não se amotinou e os regatões, compreendendo por fim a mystificação, venderam o milho que estava cavilosamente contractado.

O que deixo narrado é um facto que muita gente conhece já, e por cuja veracidade me responsabilizo. E' de crer que não seja o unico.

O plano estava bem traçado e era economico... Por semelhante processo, com meia duzia de libras podia amotinar-se uma provincia e com pouco mais o paiz inteiro.

Felizmente d'esta vez falhou, e o inventor ficou sem a gloria de ver desfaldado o pendão de Passos Manuel e José Estevam, de que os corypheus da opposição estão fazendo um espantallo.

E aqui teem, meus bons amigos, uma nesga d'este enlameado manto revolucionario, que os damagogos da nossa terra e os famintos de poder andam sacudindo abaixo das suas varandas artuinadas!

RAMONIN.

## PRISMA POLITICO

Passou o syndicato. Depois da lucta asperissima, o senado, que foi roncoeiro em rhetorica, fulminou, como um raio, o ideal da opposição. Foi o final do primeiro acto d'esta comedia, que mais tarde pôde degenerar em lance tragico.

No interior das provincias não se pôde calcular a exaltação politica, que domina os partidos militantes. Nos cafés, já se não discute com o rigor da critica: questiona-se com a força do murro sobre as bancas inoffensivas e inermes, que ficam tremetes naquella explosão de iras.

Alguns membros da opposição, mais irrequietos e menos conspicuos, querem appellar para a revolta. Triste meio e triste fim.

Niuguem, na conjunctura actual, pôde calcular a ruina de uma guerra fratricida. Primeiro desmoronava-se o credito, que, com a retracção das cazas bancarias, já principia a produzir alarme no mercado. Depois ficavam os horrores da luta, numa epoca de crise economica.

Se hoje irrompesse a revolução, os perigos seriam extremos. Os chefes, sem prestigio para se impor á disciplina, sem força para conter os desvarios, seriam os primeiros sacrificados. Depois, no estado actual da Europa, quando a diplomacia tende para as grandes annexações, a nossa independencia podia periclitar.

Quem pensar de um modo diverso, soffrerá as consequencias terriveis do seu erro.

Os partidos da opposição podem considerar-se em sessão permanente. Os alvitres, mais arrojados, mais violentos e mais paradoxaes, teem sido propostos—como resposta á lei do syndicato.

E' difficil a posição de um chefe politico, quando o grupo que dirige não obedece ás indicações da prudencia. Além d'isto, o partido progressista, com o sr. Braamcamp auzente, debate-se em coleras entre o sr. Luciano de Castro e o sr. Saraiva de Carvalho.

A questão do director interino constitue um scisma.

Uns attendem a direita, outros obedecem á esquerda. Isto, felizmente, na crise actual, pôde minorar o impeto das paixões.

Nós invocamos o juizo prudencial dos patriotas eminentes que são os ornamentos da opposição.

O sr. Fontes está, segundo nos affiançam, no firme proposito de se sustentar á frente da governação publica durante toda a legislatura. Já hontem alludimos a isto. Na simples posição de observadores, sem ellos que nos prendam á direita ou á esquerda, nós só podemos relatar o que transpira no nosso escriptorio.

Todos os membros do gabinete teem a convicção intima de que a situação está firme.

A opposição pensa exactamente o contrario.

O dever do governo e da opposição é não immolar a felicidade da patria a rancores e a desvarios.

HAMLET.

## POSTRES

### A PROMESSA

#### I

Margarida chorava com o rosto occulto entre as mãos; chorava sem gemer: mas as lagrimas deslizavam-se-lhe silenciosas ao longo das faces, e iam-lhe por entre os dedos cair no chão, para onde tinha dobrada a fronte.

Junto a Margarida estava Pedro, Pedro que de quando em quando levantava os olhos para ella e, vendo-a chorar, tornava a abaixar-os, guardando tambem depois um silencio profundo.

E tudo calava em redor e parecia respeitar aquella pena. Apagavam-se os rumores do campo; o vento da

tarde dormia, e as sombras começavam a envolver as espessas arvores da mata.

Assim transcuraram alguns minutos, durante os quaes se acabou de apagar o rasto de luz que o sol tinha deixado ao morrer no horizonte; a lua começou a debuxar-se vagamente no fundo violado do crepusculo, e umas tras outras foram apparecendo as maiores estrellas.

Pedro rompeu alfin aquella silencio angustioso, exclamando com voz surda e entrecortada e como se fallasse consigo mesmo:

—E' impossivel!... impossivel!

Depois, acercando-se da afflicta donzella e pegando-lhe 'numa das mãos, proseguiu com acento mais carinhoso e suave:

—O amor é tudo para ti, Margarida, e tu nada mais vês além do amor. Não obstante, algo ha tão respeitavel como o nosso affecto, e é o meu dever. Meu senhor, o conde de Gómara, parte-se amanhã do seu castello para reunir a sua hoste ás de el-rei D. Fernando, que vai livrar Sevilha do poder dos infieis, e eu devo-me partir com o conde.

«Orfão obscuro, sem nome e sem familia, a elle devo quanto sou. Tenho-o servido nos ocios da paz, tenho dormido debaixo dos seus tectos, tenho-me aquecido ao seu lar, e tenho comido o pão da sua meza. Se hoje o abandono, amanhã os seus homens de armas, ao sair em tropel pelas poternas do castello, perguntarão maravilhados de me não verem:

«—Aonde está o escudeiro favorito do conde de Gómara?—» E o meu senhor calará com vergonha, e os seus pagens e os seus bobos dirão em tão de mofa:—O escudeiro do conde não é mais que um galan de justas, um lidador de cortezia.—»

Ao chegar a este ponto, Margarida levantou os olhos cheios de lagrimas para os fixar nos do amante, e moveu os labios como para lhe dirigir alguma palavra; mas a voz afogou-se-lhe 'num soluço.

Pedro, com acento ainda mais doce e persuasivo, proseguiu assim:

—Por Deus, Margarida, não chores; não chores, porque o teu pranto despedaçará-me a alma! Vou auzentar-me de ti; mas eu volto logo que tenha alcançado alguma gloria para o meu nome obscuro...

«O ceu ha de ajudar-nos na santa empreza; conquistaremos Sevilha, e el-rei dar-nos-á feudos aos conquistadores nas margens do Guadalquivir. Então, venho-te buscar, e iremos ambos viver para aquella paraizo dos arabes, aonde dizem que até o ceu é mais limpo e mais azul que o de Castella.

«Venho, juro-to; venho cunprir a palavra solenemente empenhada no

dia em que te metti no dedo esse anel, simbolo de uma promessa.»

—Pedro!—exclamou então Margarida dominando a comoção e com voz rezoluta e firme,—vai, vai manter a tua honra,—e ao pronunciar estas palavras, arrojou-se pela ultima vez aos braços do amante. Depois acrescentou com acento mais brando e comovido:—Vai manter a tua honra; mas volta... volta a trazer-me a minha!

Pedro beijou a testa de Margarida, deatou o cavallo que estava prezo a uma das arvores da mata, e largou a galope pelo fundo da alameda.

Margarida seguiu-o com os olhos até que a sua sombra se confundiu com a nevoa da noite; e quando já o não podia distinguir, voltou lentamente para o lugar, aonde a aguardavam seus irmãos.

—Apronta os teus vestidos de festa,—disse-lhe um d'elles ao entrar;—que vamos amanhã a Gómara com todos os da terra vêr o conde que se parte para a Andaluzia.

—A mim mais me entristece do que alegre vêr quem vai e talvez não torne,—respondeu Margarida com um suspiro.

—Não importa,—insistiu o outro irmão;—has de ir conosco, e has de ir alegre e açada, para que as bocas do mundo não digam que tens amores no castello e que os teus amores se vão para a guerra.

#### II

Reinava apenas no ceu a primeira luz d'alva, quando se começou a ouvir por todo o campo de Gómara a aguda trombetaria dos soldados do conde, e os aldeãos que chegavam em numerosos ranchos dos logares vizinhos, viram desfaldar-se ao vento o pendão senhorial na torre mais alta da fortaleza.

Uns sentados á beira dos fossos, outros subidos na copa das arvores, estes vagando pela planicie, aquelles coroando os cabeços das collinas, aquelloutros formando um cordão ao longo da calçada, já havia cerca de uma hora que os curiosos esperavam o espectáculo, não sem que alguns comesassem a impacientar-se, quando tornou a soar de novo o toque dos clarins, reclinaram as cadeias da ponte que caiu com pauza sobre o fosso, e levantaram-se os rastrihos, em quanto se abriam de par em par e gemendo nos gonzos as pezadas portas do arco que conduzia ao pateo de armas.

A multidão correu a agrupar-se nas ribas do caminho, para vêr mais a seu sabor as brilhantes armaduras e luxozas loçanias do sequito do conde de Gómara, celebre em toda

a comarca pelo seu esplendor e riquezas.

Romperam a marcha os farautes, que, detendo-se de espaço a espaço, pregoavam em alta voz e ao som de caixa as cédulas de el-rei chamando os seus feudatarios á guerra de moiros, e notificando ás villas e logares livres que dessem passagem e ajuda ás suas hostes.

Aos farautes seguiram os arautos, ufanos com as suas cazulas de seda, os seus escudos bordados de ouro e de côres, e as suas gorras guarnecidas de vistozas plumas.

Depois veio o escudeiro-mór da caza, armado de ponto em branco e montado 'num potro murselo, trazendo nas mãos o pendão de rico-homem com os seus motes e as suas caldeiras, e ao estribo esquerdo o executor das justizas do senhorio, vestido de preto e vermelho.

Precediam o escudeiro-mór uma vintena d'aquelles famosos trombeteiros da terra chã, celebres nas cronicas dos nossos reis pela incrível força dos seus pulmões.

Quando deixou de ferir o vento o agudo clamor da formidavel trombetaria, começou a ouvir-se um rumor surdo, compassado e uniforme. Eram os peões da mesnada, armados de longas picas e providos de sendas adargas de coiro. Trás elles não tardaram em apparecer os aparelhadores das maquinas, com as suas ferramentas e as suas torres de madeira, as quadrilhas de escaladores e a gente miuda do serviço das azémoias.

Logo, envoltos na nuvem de pó que levantavam os cascos dos seus cavallos, e lançando faiscas de luz dos seus peitos de ferro, passaram os homens de armas do castello formados em grossos pelotões, que pareciam de longe um bosque de lanças.

Por ultimo, precedido dos timbaleiros, que montavam poderozas mulas com gualdrapas e penachos, rodado dos seus pagens que vestiam ricos trajes de seda e ouro e seguido dos escudeiros de sua caza, appareceu o conde.

Ao vel-o, a multidão levantou um clamor immenso para o saudar, e entre a confuzo vozaria afogou-se o grito de uma mulher, que 'naquelle momento caiu desmaiada e como ferida de raio nos braços de algumas pessoas que acudiram a socorrê-la. Era Margarida, Margarida que tinha conhecido o seu misteriozo amante no muito alto e mui temido senhor conde de Gómara, um dos mais nobres e poderozos feudatarios da corôa de Castella.

#### III

Depois de sair de Cordova, o exercito de D. Fernando chegára por jornadas até Sevilha, não sem ter pe-

### SCENA II

REI, TRIBOULET, GORDES, LANDRY, e varios senhores soberbamente vestidos. Triboulet com o seu traje de bobo. O rei vê passar um grupo de mulheres.

LANDRY:

A dama de Vandosme é divina...

GORDES:

As senhoras D'Alba e de Montchevreuil são mais encantadoras.

REI:

A dama de Cossé mais gentil que essas acho!

GORDES:

A dama de Cossé!—Sire fallae mais baixo!  
(Mostra ao rei Cossé que passa ao fundo baixo e barrigudo.)

O marido vos ouve!

REI:

E que tem, meu querido?

GORDES:

Tem que a Diana vai ser logo transmittido!

REI:

Qu'importa!  
(Vai ao fundo fallar a outras mulheres que passam.)

TRIBOULET A GORDES:

Elle vai já vexar talvez Diana  
Com quem não falla, ha mais d'uma inteira semana!

GORDES:

Se a obrigasse a voltar a seu marido...

TRIBOULET:

Não

O espero.

GORDES:

Ella pagou de seu pai o perdão,  
Partir pode.

TRIBOULET:

E' verdade. O de S. Vallier  
O velho singular, que idcia teve, ou fé,  
Juntando sua filha em leito nupcial,  
—Diana, uma belleza infinita, ideal,  
Um anjo que do ceu á terra foi mandado,—  
Em confuzão com um Seneschal corcovado?

GORDES:

Um louco!—Com elle eu, no cadafalso estava,  
Quando a graça chegou. Um velho lh'a levava;  
D'elle tão perto estava eu como o estou de ti.  
—Defenda Deus o Rei!—e nada mais lhe ouvi!  
Está de todo dóido agora!

REI, passando com a senhora de Cossé:

E sem ter pena

Partir!

M.<sup>me</sup> DE COSSÉ, suspirando:

Para Soissons, meu marido é que o ordena!

REI:

Isso uma vergonha é, quando por toda a parte,  
Os grandes, a nobreza, os talentos, a arte,

Vos cobrem c'um olhar de dedicado zelo,  
D'uma esplendida vida em momento tão bello;  
Quando o poema melhor vos faz o maior vate,  
E um duellista audaz com mais ardor combate;  
Agora, que esse olhar em tudo accende lume,  
Fazendo que a mulher da amante haja ciume;  
Vós que a corte offuscades com brilho que seduz,  
E que, distante sol, niuguem vê se faz luz,  
Deixando um duque, um rei, principe, imperador,  
Ireis—astro burquez—ter lá menos fulgor!

M.<sup>me</sup> DE COSSÉ:

Calmae-vos!

REI:

Não, não posso, ante um capricho assim,  
D'apagar todo o brilho, em meio d'um festim!

(Entra Cossé)

M.<sup>me</sup> DE COSSÉ:

Vem meu marido, sire!

(Deixa vivamente o rei.)

REI:

Ah! vem-me interromper!

(A Triboulet.)

Embora! pois pintei um bom quadro á mulher!  
Marot não te mostrou os versos que tracei?

TRIBOULET:

Não li versos nenhuns—versos de qualquer rei  
Pessimos sempre são.

REI:

Patife!



lejado antes em Ecija, Carmona e Alcalá do Rio de Guadaira, aonde, uma vez expugnado o famoso castello, assentou os arraiaes á vista da cidade dos infieis.

O conde de Gómara estava na tenda sentado num escano de lariço, immobil, pallido, terrivel, com as mãos cruzadas sobre os punhos do montante e os olhos fixos no espaço com essa vagueação do que parece olhar para um objecto, e todavia não vê nada de quanto ha em volta de si.

A um lado e de pé, falava-lhe o mais antigo dos escudeiros de sua casa, o unico que naquellas horas de negra melancolia podia talvez interrompê-lo sem attrair sobre a cabeça a explosão da sua colera.

—Que tendes, senhor?—dizia.—Que mal vos aqueixa e consome? Triste ides ao combate, e triste volveis ainda que volvais com a victoria! Quando todos os guerreiros dormem, rendidos á fadiga do dia, oíço-vos suspirar angustiado; e se corro ao vosso leito, vejo-vos a lutar ali com algo invisível que vos atormenta. Abris os olhos, e o vosso terror não se desvanece. Que tendes, senhor? diizei-mo. Se é um segredo, eu saberei guardal-o no fundo da minha memoria como num sepulcro.

O conde parecia não ouvir o escudeiro; não obstante, depois de largo espaço, e como se as palavras tivessem levado todo aquelle tempo a chegar dos seus ouvidos á sua intelligencia, saiu pouco e pouco da sua immobildade, e atalhando a si carinhosamente, disse-lhe com voz grave e repouzada:

—Demaziado tenho soffrido em silencio. Crendo-me juguete de uma vã fantasia, tenho-me calado atégora por vergonha; mas não, não é illusão o que me succede.

«Eu estou decerto debaixo da influencia de alguma maldição terrivel. O ceu ou o inferno devem querer algo de mim, e avizam-me com factos sobrenaturaes. Lembra-te do dia do nosso encontro com os moiros de Nebrija no Aljarafe de Triana? Eramos poucos; a peleja foi dura, e eu estive a ponto de perecer. Bem o viste: no mais renhido do combate, o meu cavallo ferido e cego de furor arremessou-se contra o grosso da hoste moirisca. Debalde pugnava pelo conter: as redeas tinham-se-me escapado das mãos, e o fozgo animal corria levando-me a morte certa.

«Já os moiros, cerrando os esquadres, apoiavam em terra o conto das suas compridas lanças para me reconhecerem nellas; uma nuvem de setas silvava aos meus ouvidos; o cavallo estava a alguns pés de distancia do muro de ferro em que nos iam despedaçar, quando (crê-me; não foi illusão!), quando vi uma mão que agar-

rando-o pelo freio o deteve com uma força sobrenatural, e virando-o na direcção das fileiras dos meus soldados, me salvou milagrosamente.

«Em vão perguntei a uns e outros pelo meu salvador; ninguem o conhecia, ninguem o tinha visto.

«—Quando icis a despedaçar-vos na muralha de lanças,—me dissociaram,—icis só, completamente só; e porisso nos maravillamos de vos ver voltar, sabendo que já o corcel não obedecia ao cavalleiro.

«Aquella noite entrei preocupado na minha tenda; queria em vão arrancar da ideia a lembrança da estranha aventura; mas ao encaminhar-me para o leito, tornei a ver a mesma mão, uma mão formosa, branca até á palidez, que descerrou as cortinas, desaparecendo depois de as descer. Desde então, a toda a hora, em toda a parte, estou a ver essa mão mysteriosa que previne os meus dezojos e se adianta ás minhas acções. Quando expugnava o castello de Triana, vi-a apauhar entre os dedos e partir no ar uma seta que me vinha ferir; nos banquetes, aonde procurava afogar a minha pena entre a confusão e o tumulto, vi-a escanciar o vinho na minha taça; e acha-se sempre diante dos meus olhos, e para onde vou me acompanha; na tenda, no combate, de dia, de noite... agora mesmo, olha-a, olha-a aqui apoiada suavemente nos meus hombros!...

Ao pronunciar estas ultimas palavras, o conde poz-se de pé, e deu alguns passos como fóra de si e embargado de um terror profundo.

O escudeiro enxugou uma lagrima que lhe corria pelas faces. Julgando dóido seu senhor, não insistiu em contrariar-lhe as ideias, e limitou-se a dizer-lhe com voz profundamente comovida:

—Vinde... saiamos um instante da tenda; talvez a briza da tarde refresque as vossas fontes, calmando essa incompreensível dôr, para a qual não acho palavras de consolação.

## IV

O arraial dos christãos estendia-se por todo o campo de Guadaira, até tocar na margem esquerda do Guadalquivir. Em frente do arraial e destacando-se do luminoso horizonte erguiam-se os muros de Sevilha flanqueados de fortes e torres ameidadas. Por cima da corôa de ameias trasbordava a verdura dos mil jardins da moirisca cidade, e por entre as escuras manchas da folhagem luziam os mirantes brancos como a neve, os minaretes das mesquitas e a gigantesca atalaia, sobre cujo aereo passeio lançavam chispas de luz, feridas pelo sol, as quatro grandes bolas de ouro, que vistas do campo dos christãos pareciam quatro chamas.

A empresa de D. Fernando, uma das mais heroicas e atrevidas d'aquella epoca, tinha juntado em torno de si os mais celebres guerreiros dos diferentes reinos da Peninsula, não faltando alguns que de paizes estranhos e distantes vieram tambem, chamados pela fama, unir os seus esforços aos do santo rei.

Estendidas ao longo da planicie viam-se, pois, tendas de campanha de todas as formas e côres, sobre o remate das quaes ondeavam ao vento distinctas insignias com escudos partidos, astros, grifos, leões, cadeias, barras e caldeiras, e outras cem e cem figuras ou symbolos heraldicos que pregoavam o nome e qualidade de seus donos. Por entre as ruas d'aquella improvisada cidade circulavam em todas as direcções dialectos diversos, e vestido cada qual ao uzo do seu paiz, e cada qual armado a seu modo, formavam um estranho e pittoresco contraste.

Aqui descanzavam alguns senhores das fadigas do combate, sentados em escanos de lariço á porta das suas tendas, e jogando as tábulas, emquanto que os pagens lhe escanciavam o vinho nos copos de metal; ali alguns peões aproveitavam um momento de ocio para adereçar e compor as suas armas, rotas na ultima refrega; mais além cobriam de setas um alvo os mais expertos bésteiros da hoste entre as aclamações da multidão pasmada da sua destreza; e o rumor dos atambores, o clamor das trombetas, as vozes dos mercadores ambulantes, o golpear do ferro contra o ferro, os canticos dos jograes que entretinham os seus ouvintes com a relação de façanhas portentozas, e os gritos dos farautes que publicavam as ordenanças dos mestres de campo, enchendo os ares de mil e mil ruidos discordes, prestavam áquelle quadro de costumes guerreiros uma vida e uma animação impossiveis de pintar com palavras.

O conde de Gómara, acompanhado do seu fiel escudeiro, atravessou por entre os animados grupos sem levantar os olhos do chão, silenciozo, triste, como se nenhum objecto lhe ferrisse a vista nem lhe chegasse ao ouvido o mais leve rumor. Andava maquinalmente, a modo de um sonambulo, cujo espirito se agita no mundo dos sonhos, que se move e caminha sem consciencia das suas acções e como arrastado por uma vontade alheia á sua.

Proximo á tenda de el-rei, e no meio de um circulo de soldados, pagens moços e gente miuda que o escutavam com a bocca aberta, apresurando-se a comprar-lhe algumas das bugiarias que annunciava a vozes e com hiperbolicos encomios, havia

um estranho personagem, meio romeiro, meio jogral, que ora recitando uma especie de ladainha em latim bárbaro, ora dizendo uma bufonaria ou chocarrice, mesclava na sua interminavel relação chistes capazes de fazer corar um bésteiro, com orações devotas, historias de amores picarecos com lendas de santos. Nos immensos alforques que lhe pendiam dos hombros achavam-se revoltos e confundidos mil objectos diferentes: fitas tocadas no sepulcro de S. Tiago; cédulas com palavras que elle dizia serem hebraicas, as mesmas que disse el-rei Salomão quando fundava o templo, e as unicas para uma pessoa se libertar de toda a classe de enfermidades contagiozas; balsamos maravilhozos para colar homens partidos pelo meio; Evangelhos cozidos em bolsinhas de brocatel; receitas para ser amado de todas as mulheres; reliquias dos santos patronos de todos os logares de Hespanha; joieis, cadeinhas, cinturões, medalhas e outras muitas bugiarias de alquimia, de vidro e de chumbo.

Quando o conde chegou perto do magote que formavam o romeiro e os seus admiradores, começava este a afinar uma especie de bandolim ou gusla arabe com que se acompanhava na relação dos seus romances. Depois de ter estirado bem as cordas, umas tras outras e com muita fleuna, em quanto o moço dava volta ao circulo arrancando os ultimos cornados da fraca escarcela dos ouvintes, o romeiro começou a cantar com voz fahnoza em compasso monótono e plangente, um romance que sempre terminava com o mesmo estribillo.

O conde acerrou-se do magote e prestou attenção. Por uma coincidência, ao parecer estranha, o titulo d'aquella historia respondia no todo aos lúgubres pensamentos que lhe embargavam o animo. Segundo tinha annunciado o cantor antes de começar, o romance intitulava-se o Romance da mão morta.

Ao ouvir o escudeiro tão estranho annuncio, pugnou por arrancar seu senhor d'aquella sitio; mas o conde, com os olhos fixos no jogral, permaneceu immobil, escutando estes cantares:

I  
A moça tem um amante  
que escudeiro se dizia.  
Dá-lhe parte o escudeiro  
que pra guerra se partia.  
—Vais deixar-me e nunca voltas...  
—Nem perdendo a luz do dia!  
—Emquanto o mancelo jura,  
diz que o vento repelia:  
Mal haja quem em promessas  
de qualquer homem se fia!

II  
O conde com a mesnada  
do seu castello saia;  
conhece a moça o fidalgo,  
e com grande dôr gemia:

—Ai de mim, levas a honra  
de quem tanto te queria!  
—Emquanto a coitada chora,  
diz que o vento repelia:  
Mal haja quem em promessas  
de qualquer homem se fia!

III  
Seu irmão, que perto estava,  
estas palavras ouvia.  
—Tu deshonraste o meu nome!  
—Mas... jurou que voltaria!  
—Não te encontra, quando volte,  
onde encontrar-te soia.  
—Emquanto a triste elle fere,  
diz que o vento repelia:  
Mal haja quem em promessas  
de qualquer homem se fia!

IV  
Levam-na morta pra selva;  
foi enterrada na umbria...  
por mais terra que deitavam  
nunca a mão se lhe cobria,  
onde tinha um anel de ouro  
que lhe dera o conde um dia.  
—De noite por sobre a tumba,  
diz que o vento repelia:  
Mal haja quem em promessas  
de qualquer homem se fia!  
Mal o cantor tinha terminado a ultima estrofe, quando, rompendo o muro de curiozos que se arredavam com respeito ao reconhecêl-o, o conde chegou aonde se achava o romeiro, e colhendo-o com força pelo braço, lhe perguntou com voz baixa e convulsa:

—De que terra és?  
—De Soria,—respondeu elle.  
—E aonde has aprendido esse romance? a quem se refere a historia que contas?—continuou o interlocutor, com mostras de comoção cada vez mais profunda.

—Senhor,—disse o romeiro cravando os seus olhos nos olhos do conde com uma fixidez imperturbavel,—esta cantiga cantam-na todos os aldeãos do campo de Gómara, e refere-se a uma desgraçada cruelmente offendida por um poderoso. Altos juizos de Deus permittiram que ao enterrál-a ficasse sempre fóra da sepultura a mão em que o seu amante metteu um anel no dia em que lhe fez uma promessa. Vós sabeis talvez a quem compete cumpril-a.

## V

Num logarejo inizeravel e que se encontra a um lado do caminho que conduz a Gómara, vi não ha muito o sitio aonde se assegura que se verificou a estranha cerimonia do casamento do conde.

Depois que elle, ajoelhado sobre a humilde cova, estreitou entre a sua a mão de Margarida, e um sacerdote autorizado pelo Papa abençoou a lúgubre união, é fama que cessou o prodigio, e a mão morta desapareceu para sempre.

Ao pé de umas arvores anozas e corpulentas ha um pedacito de prado, que se cobre espontaneamente de flores á chegada da primavera. A gente do logar diz que ali está enterrada Margarida.

GUSTAVO BECQUER.

## TRIBOULET:

Ha de rimar

O povo amor e flor, e custe o que custar!  
Mas perante a belleza, a saltos tão diversos,  
Fugi; tratae d'amor, o Marot fará versos.  
Rei rimador não presta.

REI, entusiasmado:

A's bellas versejar

Eleva o coração e eu quero ver voar  
O meu estro real.

TRIBOULET:

Mudal-o em moinho, heim?

REI:

Se não visso acolá madame de Coislin  
Far-te-lia chicotear!  
(Corre a ella e parece dirigir-lhe galanteios)

TRIBOULET, á parte:

Seguo agora a rajada,

Para aquella tambem!

GORGES A TRIBOULET, notando-lhe o que se passa ao fundo:

Lá vem por outra entrada

A bella de Cossé.—Affirmo-te—que o sei—  
Vae largar um luva, somente porque o rei  
A apanhe.

TRIBOULET:

Assim será

GORGES:

Que disse?

## TRIBOULET:

Custa a crer!

GORGES:

Está filado o rei.

TRIBOULET:

E' um demonio a mulher,  
Muito aperfeiçoado!

GORGES:

O marido!

M.<sup>me</sup> DE COSSÉ AO REI:

Perdão...

TRIBOULET:

Que vem fazer aqui o cioso tubarão?

COSSÉ—á parte, avançando pensativo:

Que estavam a dizer?

(Aproxima-se de Landry que lhe faz signal)

Quê?

LANDRY:

E' bella vossa esposa!

GORGES:

Que tendes na cabeça? E' tão vertiginosa...  
E porque tanta vez olhaes assim, de lado?

(Cossé deixa-o bruscamente e acha-se face a face com Triboulet que o attrahe com ar discreto para um canto, enquanto Gorges e Landry riem a bandeiras despregadas.)

TRIBOULET, baixo a Cossé:

Andaes, senhor, oom ar um tanto perturbado.

(Ri e volta as costas a Cossé que sahe furioso)

## REI, voltando:

Ah! como sou feliz! Hercules junto a mim  
E Jupiter não são mais do que um alfenim!  
O Olympo é um chiqueiro!—As bellas um prazer!  
Eu sou ditoso, e tu?

TRIBOULET:

Então não heide ser?

Rio-me e rio bem, do baile, jogo e amores;  
Critico, e vós gozaes estes mil esplendores.  
Sois feliz como rei e eu como corcovado!

REI:

Faz annos em que fui ao mundo boim lançado.

(Olhando Cossé)

Só este de Cossé a festa m'esenrecc.  
Que conta fazes d'elle?

TRIBOULET:

Um animal parece.

REI:

Qu'importa! a não ser elle o resto é um prazer!  
Pois tenho, Triboulet, quanto desejo ter!  
E' bella a vida! o mundo um sonho abençoado!  
Uma ventura!

TRIBOULET:

Sire estaes embriagado!

Braga.

ALFREDO CAMPOS.



# MAISON DE FRANCE

ESPECIALIDADE EM CHAPEOS E CONFEÇÕES

Ha uma verdadeira exposição de elegantes CHAPEOS, executados pelos ultimos modelos das mais acreditadas MODISTAS DE FRANÇA; para SENHORAS e CRIANÇAS. Arranjam-se todos os chapéus antigos á moda pelos ditos modelos, e ha todos os preparos para os confeccionar.

## ATELIER DE VESTIDOS

Executam-se VESTIDOS e CONFEÇÕES com a maxima perfeição, rapidez, e por preços muito resumidos, assim como ENXOVAES completos para NOIVAS á vista dos ultimos figurinos. Satisfazem-se encomendas de todas as terras do reino e ilhas, encarregando-se dos transportes com a maior promptidão. N. B. Todos os artigos de modas são vendidos na «MAISON DE FRANCE», por preços consideravelmente resumidos.

TRAVESSA DE SANTA JUSTA, 61 — 1.º ANDAR

## AGENCIA GERAL

DO

### ANTONIO MARIA E DO MUNDO

No Porto e provincias do Norte

166, RUA DA VICTORIA, 166

(Em frente da travessa dos Clerigos, á esquina dos Caldeireiros)

Recebe annuncios para O MUNDO e para o ANTONIO MARIA, assignantes, etc.

Agencia da VOLTA DO MUNDO e das RAÇAS HUMANAS da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, de Lisboa.

# O ANTONIO MARIA

Publicação humorística illustrada

POR

BORDALLO PINHEIRO

E collaborada por distinctos escriptores

Estão publicados 3 vol. que são um verdadeiro bijou de assumptos politicos, theatraes, etc., etc., com referencia aos tres ultimos annos de 1879, 80 e 81.

Existe um diminuto numero de colleções completas, e dentro em pouco tempo será difficil obter um exemplar.

Os 3 vol. lindamente enc., capas em chromo, envernizadas, e com pastas exteriores para resguardar o brilho d'aquellas, preço 15.000 réis. O preço será augmentado dentro de pouco tempo.

Á venda na Empresa Litteraria Luso-Brazileira, rua dos Correios, 140, 1.º, Lisboa, administração do Antonio Maria. Toda a correspondencia dirigida á A. de Sousa Pinto.

Aos snrs. assignantes d'esta publicação

No escriptorio da mesma empresa recebem-se colleções para encadernar e arranjar nas mesmas condições ao preço de 34750 réis os 3 vol.

# ALBUM DAS GLORIAS

DESENHOS DE BORDALLO PINHEIRO

Texto de João Rialto, João Ribalxo, João Ripouco, etc.

Publicação de caricaturas, formato in-folio, chromo-lithographias coloridas, rivalizando com o que de melhor se publica no estrangeiro: magnifico papel de luxo.

Estão publicados 28 perfis d'esta publicação completamente nova em Portugal. Esta publicação começou a sahir com a mesma regularidade com que tem sido publicado o jornal O Antonio Maria.

Preço: avulso, 120 réis; assignatura, 12 numeros, 1.200. Vende-se nas principaes livrarias. — Assigna-se no escriptorio da Empresa — Rua dos Correios, 140, 1.º para onde deve ser dirigida toda a correspondencia ao administrador

A. de Sousa Pinto.

# A FOLHA NOVA

Redactor principal, Emygdio d'Oliveira

Assignatura: Porto, anno, 3.000; semestre, 1.850; trimestre, 750 réis. Provincia, anno, 3.600; semestre, 1.800; trimestre, 920. Brazil e Estrangeiro, anno, 6.000 réis.

Redacção e administração, rua da Fabrica, 66 — Porto.

Succursal geral das Empresas

## Antonio Maria e do Mundo

166, — RUA DA VICTORIA, — 166

(Em frente da travessa dos Clerigos)

Porto

A succursal do ANTONIO MARIA e do ALBUM DAS GLORIAS passou para a acreditada casa do nosso amigo o sr. Ferreira de Brito, nosso actual representante no Porto e nas provincias do Norte.

EMPRESA JORNALISTICA LITTERARIA

166 — Rua da Victoria — 166

PORTO

Agencia geral, no Porto e provincias do Norte, da EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA de A. de Sousa Pinto, e dos jornaes — O Antonio Maria, O Mundo, e Album das Glorias.

Toma conta da venda de jornaes nas terras do Norte de Portugal, e linhas ferreas e cobranças no Porto, assignaturas, bibliothecas de romances, e publicações litterarias ou scientificas, etc. Encarrega-se de trabalhos typographicos, telegrammas, correspondencias e noticias para todos os jornaes.

ALMANACH

DO

ANTONIO MARIA

PARA 1882

Preço 300 réis

Á venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

Livraria Industrial

EDITORA

229, RUA AUGUSTA, 231

Manual do Christão Devoto — livro de orações consideravelmente augmentado; impressão em bom papel; gravuras feitas em Paris. (Não confundir a nossa edição com outra que saiu ao mesmo tempo)

Livros de estudo portuguezes e francezes; romances dos principaes auctores; albums para retratos e desenho; vistas de Portugal, oleographias, chromos, objectos para desenho. Unica casa onde se vendem livros para Conservatorias.

## CAMONEANAS

DE FERREIRA DE BRITO

Portugal a Camões, Fabula de Narezo O Atheneu, O Parnaso, Homenagem a Camões, etc., etc.

Á venda na Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

BAZARES

Grande diversidade em lindos objectos de phantasia do mais fino gosto proprios para brindes, e muitos outros apropriados para premios dos BAZARES nas proximas festas campestres.

CAFETERAS RUSSAS

NOVAS MACHINAS PARA CAFÉ

CASA DE NOVIDADES  
ALVARO JOSÉ BAPTISTA  
RUA DO OURO

## Bellissimos brindes

Brilhantes e esplendidas publicações

AS RAÇAS HUMANAS, por LOUIS FIGUIER. — Magnifica publicação, nitidamente impressa, optimo papel, contendo 266 esplendidas gravuras, muitas das quaes de pagina inteira e OITO bellissimos chromo-lithographias.

1 volume de 650 paginas, lindamente encadernado a chagrin e panno dourado pela folha, 3.600 réis; brochado, 3.000 réis.

A VOLTA DO MUNDO, JORNAL DE VIAGENS E ASSUMPTOS GEOGRAPHICOS — ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS representando paisagens, cidades, villas, monumentos, retratos, historia natural, costumes de todos os povos do mundo, etc., e um grande numero de cartas geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas estrangeiros e nacionaes.

A primeira publicação geographica que se faz em Portugal de tanta importancia e com tanto luxo e nitidez.

Directores litterarios — Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo — coadjuvados para os differentes estudos da sciencia por alguns distinctos escriptores.

O 1.º volume contém 138 gravuras, nitidamente impresso, bom papel, typo novo, etc., etc.

Preço: — Lindamente encadernado e dourado pela folha, 3.800; encadernado em percaline, 3.200; brochado, 2.500 réis.

O ANTONIO MARIA, por BORDALLO PINHEIRO. — 3 bellos volumes, encadernados a capricho, contendo coisas extraordinarias e para rir, 15.000 réis.

O ALBUM DAS GLORIAS. — Deslumbrante publicação no genero. Estão publicados 28 numeros. — Preço 2.800 réis.

NO PORTO

Á venda na EMPRESA JORNALISTICA E LITTERARIA de A. Ferreira de Brito, rua da Victoria, 166.

EM LISBOA

Á venda no escriptorio da EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA, director-proprietario A. DE SOUZA PINTO, rua dos Correios, 140, 1.º

## ENCYCLOPEDIA DAS ENCYCLOPEDIAS

Diccionario Universal Portuguez

Linguistico, historico, geographico, etc.

ILLUSTRADO

A obra mais completa e extraordinaria que até hoje tem visto a luz da publicidade

Publicou-se o fasciculo 36.º ou paginas 1677 a 1716, contendo o frontespicio e o prologo da obra além dos artigos ATTILA e AUCTOR.

Preço do fasciculo: — Em Lisboa, 400 réis; no Brazil, 1.200 réis fracos. Assigna-se em Lisboa na livraria do editor Henrique Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros.

No Rio de Janeiro em casa de Arthur Teixeira, 95, rua dos Ourives.

## EMPRESA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA

EDITORA

DIRECTOR-PROPRIETARIO

A. de Sousa Pinto

## Á VOLTA DO MUNDO

Jornal de Viagens e Assumptos Geographicos

ILLUSTRADO COM MILHARES DE GRAVURAS

Representando paisagens, cidades, villas, monumentos, retratos, historia natural, costumes de todos os povos do mundo, etc., e um grande numero de cartas geographicas, desenhadas pelos mais celebres artistas estrangeiros e nacionaes.

A PRIMEIRA PUBLICAÇÃO GEOGRAPHICA QUE SE FAZ EM PORTUGAL DE TANTA IMPORTANCIA E COM TANTO LUXO E NITIDEZ

DIRECTORES LITTERARIOS

Dr. Theophilo Braga e Abilio Lobo

Coadjuvados para os differentes estudos da sciencia por alguns distinctos escriptores

O 1 vol. contém 138 gravuras nitidamente impresso, em bom papel, typo novo, etc.

Preço brochado ..... 2.800

Lindamente cartonado ..... 3.500

Á venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira editora, director proprietario A. de Sousa Pinto. Travessa da Palha, 140 1.º, Lisboa.

Está em distribuição o 7.º fasciculo do 2.º anno.

Eça de Queiroz — Ramalho Ortigão

## AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

PREÇO 200 RÉIS

SUMMARY D'ESTE NUMERO

A patria portugueza e os quatro milhões d'egoismos de que ella consta—Presente estado das ideias—A religião—A politica—A moral—A arte—Sentido historico do centenário de Camões, sua influencia e seus resultados—Dois annos depois—A celebração do centenário do Marquez de Pombal considerada como symptoma psychologico—Do estadista em geral e do Marquez em particular—Adduzem-se razões e testemunhos insuspeitos para o fim de provar que o estadista é um agente secundario entre os acceleradores do progresso, e que o Marquez de Pombal é um individuo secundario na classe dos estadistas—Buckle, Guizot, Bastiat, Begebot, Herbert Spencer, Wechniakoff, Augusto Comte, Michel Chevallier, e outros—Demonstra-se que o Marquez de Pombal exprime a negação de tudo aquillo que a liberdade afirma e que a democracia proclama—Coerção da agricultura, coerção da industria, coerção do commercio, coerção dos direitos civis, coerção do pensamento—Arruamento geral de todas as actividades nacionaes pelo systema quadrangular da reedificação da Baixa—Secularisação do jesuitismo na pessoa do mesmo Marquez—A estatua de Sebastião e o monumento do Paço—Parallelo do cavallo e do cavalleiro—Pode-se o esquecimento para um e uma charrua para o outro.

Á venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira

140, Rua dos Correios, 1.º

Typographia da Empresa Litteraria Luso-Brazileira — Pateo do Aljube, 5 — Lisboa.